

Revista de Literatura,
História e Memória



Seção: Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e Literatura, Ensino e
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 14 - Nº 24 - 2018

UNIOESTE/CASCADEL - P. 132-152

O OLHAR DE SOL(L)ER¹

The Look of Soler

Wilma Nunes Rangel²

RESUMO: Entre o universo sutil feminino e o exílio, entre as janelas da memória e as pontes solitárias, entre os sonhos proibidos e os rostos amados, entre o olhar de mulher e o pulso no papel, entre a justiça e a prisão, este texto foi elaborado, tendo como objetivo apresentar Carmen Soler (1924-1985), paraguaia, professora bilíngue, tradutora e escritora desconhecida nos livros de crítica literária e histórica, por sua posição ideológica revolucionária. Suas obras são inexistentes e desconhecidas no Brasil. Analisaremos sua obra *Poesias* (1970), reportando com sua lírica sua experiência inegável no período histórico da ditadura em seu país.

Postumamente, sua obra respira seus novos livros, honra por reconhecimento brasileiro, com a riqueza expressiva que só os grandes poetas têm. Ao primeiro olhar sabemos que ditadura não combina com poesia, ao contrário, abomina qualquer expressão crítica no sentido de uma sociedade mais humana. A arte de Soler defende seu povo e o câmbio foi alto demais, uma vez que a repressão política e social tirou sua terra e identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Carmen Soler; Olhar; Poesia; Memória; Escrita de autoria feminina.

ABSTRACT: Between the subtle feminine universe and exile, between the windows of memory and solitary bridges, between forbidden dreams and beloved faces, between the woman's look and the wrist on paper, between justice and prison, this text was elaborated, with the objective of presenting Carmen Soler (1924-1985), a Paraguayan, bilingual teacher, translator and an unknown writer in the books of literary and historical criticism, for her revolutionary ideological position. Her works are nonexistent and uncharted in Brazil. We will analyze her work *Poesias* (1970), reporting with its lyric her undeniable experience in the historical period of the dictatorship in her country. Posthumously, her work breathes its new books, honor by Brazilian recognition, with the expressive abundance that only the great poets have. At first glance we know that dictatorship does not combine with poetry, instead, it abhors any critical expression in the sense of a more humane society. The art of Soler defends her people and the exchange was too high, since the political and social repression took away her land and identity.

KEYWORDS: Carmen Soler; Look; Poetry; Memory; Writing by female authorship.

¹ Metáfora criada por meio do sobrenome de Carmen, Soler, acrescentando outra letra (L), podemos criar SOL (luz) e a ação que completa o objeto de arte da escrita LER. Não traduzimos, não caberia, mas ficaria (sun + read).

² Graduada em Letras e Literatura Brasileira Universidade Estadual do Paraná (UNIOESTE) Foz do Iguaçu, Pr. Pós Graduada em Administração e Supervisão Escolar, Universidade Norte do Paraná, (UNOPAR), Guarapuava, Pr. Mestre, Universidade Estadual do Paraná, (UNIOESTE, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos comparados, Cascavel, Pr.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>



Figura 1 - Carmen Soler³

Carmen Soler nasceu em 04 de agosto de 1924 em Assunção, Paraguai, foi escritora hispano-americana contemporânea, conhecida por suas poesias. O retrato possuidor do olhar sincero, em formato três por quatro, instigou na memória filmes de procurados políticos da ditadura latino-americana, todavia, com um “quê” declamado pelo meigo olhar, caçado em todas as fronteiras de seu país.

Aos 18 anos (1943), casou-se com Marco Aurélio Aponte, mudaram-se para Chaco paraguaio, trabalhou como professora rural. Lá, se encontrou diante da exploração e submissão dos povos indígenas, a pobreza do campesinato e a opressão feminina. Incorporada ao Partido Revolucionário Febrerista⁴, ao lado do irmão, atuava nas lutas contra Morínigo⁵.

[...] as pessoas não ousavam a princípio olhar por muito tempo as primeiras imagens por ele produzidas. A nitidez dessas fisionomias assustava, e tinha-se a impressão de que os pequenos rostos humanos que apareciam na imagem eram capazes de ver-nos, tão surpreendente era para todos a nitidez insólita dos primeiros daguerreótipos (BENJAMIN, 1994, p. 95).

A beleza que o olhar da jovem expressa é de sinceridade e feminilidade. Há quem duvide que falar de poesia é falar de olhar, no entanto, ele foi a inspiração para essa apresentação (inicial) sobre a contribuição que a paraguaia Carmen Soler deixou para a Literatura latino-americana. Com a beleza do olhar, há sinceridade e feminilidade, por mais que aparente ser uma fotografia com fim de documento da professora, olhando a câmera com o olhar tão fixo e

³ Não há localização da autoria do retrato, conforme comunicação da família de Carmen Soler

⁴ Partido com ideal no Socialismo Democrático que propõe a criação de uma economia democrática descentralizada empreendida por e para cidadãos conscientes de seus direitos políticos. Surge em oposição a outras correntes que defendem o autoritarismo, totalitarismo militar e outras ditaduras. Fonte: LIMA, Letícia Consalter de. (2015, p. 54)

⁵ Higinio Morínigo (1897 – 1985) político e militar paraguaio. Foi presidente provisório e constitucional do Paraguai de 1940 a 1948, exercendo o autoritarismo e que, em 1947, levou o país a uma sangrenta guerra civil. Fonte: LIMA, Letícia Consalter de. (2015, p. 54).

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

ao mesmo tempo sedutor, mantendo-se silenciosa, mas o olhar diz insistentemente a palavra liberdade e que não ficou ‘desfocada na arte fotográfica’. Há quem duvide que falar de poesia é falar de olhar. Quem sabe o encontro desse registro, do olhar e a alma da poetisa no documento da imagem do fotógrafo anônimo⁶ historicamente.

Desde que iniciou seu trabalho como professora bilíngue em áreas carentes no entorno de Assunção, escreveu seus primeiros poemas, nos quais expressava a realidade das crianças que se sentavam nos bancos da sua sala de aula. Como quem precisava dar-lhes mais do que o alfabeto, respeitava a língua materna, o guarani, mas também lhes apresentava o espanhol. Soler, principalmente, escrevia para folhetins sua angústia diante da precariedade das famílias de seus alunos e preocupação com o futuro em cada olhar. Segundo Fernández (2016),

talvez a própria Carmen não tivesse a noção de que sua abordagem fosse ampla e profundamente ligada à sua paixão pelo ser humano, indo além da denúncia e do combate, pois a autora também traz poemas de amor, solidariedade e compaixão.

Sua coletânea *Poemas*, (1970), - sem tradução para a língua portuguesa - produz história em escrita lírica entrando como marco inicial da poesia no contexto literário Paraguaio, como poeta de combate e revolucionária da ditadura paraguaia⁷. Assim, diante da capacidade de Soler em sua produção épica em forma de versos, que trazem a memória, o testemunho e a escrita feminina. Analisamos de forma a adaptar a teoria de Narração de Walter Benjamin (1977, p. 448-51):

A perfeição está ligada a um tempo que tem como horizonte a morte e a entrada na eternidade. A narração retira suas forças da experiência do moribundo, que conserva sua autoridade em relação à experiência vivida e a torna transmissível. Ele se encontra no limiar, na soleira da porta de uma casa em que ainda não nos é permitido entrar, e dali nos pode narrar algo sobre o qual tem plena autoridade. Esta autoridade é a da história natural, pois a morte faz parte dela e a narração só a compartilha na medida em que insere o narrado na história natural. Assim procede o autor alemão Johann Peter Hebel numa pequena narrativa em que a vida da personagem é incorporada ao curso de acontecimentos históricos⁸. Nela, “a morte aparece num turno tão regular como o homem da foice (Sensenmann) nas procissões que param seu cortejo ao meio dia, diante do relógio da catedral”⁹.

⁶ Não localizamos em nossa pesquisa a autoria do retrato.

⁷ Período da Ditadura paraguaia (1954 – 1980) Cenário político de golpes, violentas perseguições e fortalecimento do Partido Colorado e das Forças Armadas, o terror político, até a ascensão do general Stroessner. Em 11 de junho do mesmo ano, em eleições sem concorrência, o ditador chega à presidência com o apoio da oligarquia agropecuária e dos Estados Unidos, transformando o país em laboratório da Doutrina de Segurança Nacional.

⁸ GS, II, 2, Der Erzähler. Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows, p. 450-1.

⁹ GS, II, 2, p. 451. Morte, em alemão, é um substantivo masculino: der Tod.

Encontramos a dona do olhar e quem foi a professora que escreveu poemas que se tornaram letras de canções, musicalizadas pelo criador do estilo musical ícone da cultura paraguaia, as Guarânicas, José Assuncion Flores, fez parte da criação do movimento feminino latino-americano, ganhou prêmios. Foi perseguida, presa, torturada e exilada. Sofreu com o sequestro e desaparecimento político do seu irmão Miguel Angel Soler, o qual não foi encontrado até a sua morte, jamais publicou nenhuma linha de sua arte literária em seu país em vida. Algumas de suas obras são mencionadas entre os importantes de sua geração. Sua poesia em seu país só foi conhecida e divulgada após a queda de Stroessner.

Com estas informações, retornar o olhar para o retrato, envolve o que há de mais intenso no leitor de poemas, pois, ao nos aproximarmos para “ler Soler” é uma experiência imagética, memorável e histórica, envolvendo o universo feminino com o olhar lírico para os dilemas sociais e políticos refletindo por meio do seu olhar, nova forma de poetizar. Permitindo ao leitor encarar os conflitos sociais como inspiração para criar arte abordando o cotidiano sobre o poder dominante, possibilitando por meio de teorias e temas que envolvem a ciência, filosofia e a história bem como a abordagem de teorias literárias o olhar de Soler está para quem a lê como luz de denúncia, protesto, combate e revolução.

Seus primeiros poemas não foram publicados em sua terra Natal por motivo de suas ideologias políticas. No entanto, a partir de 1953, conforme dados editados na página oficial da artista, por sua filha Maria Eugênia Apontes Soler, em Notas, declara as publicações em outros países em revistas e jornais da Argentina, Alemanha, Uruguai, Equador, Cuba e Itália. Tendo como temática principalmente seu povo, a natureza – especialmente os pássaros – as mulheres, o exílio, o cárcere, a violência e a morte.

Há ainda as obras de artes que Carmen produziu, após 1968, em que a expressão do olhar nas personagens reproduzidas nas telas pintadas, possuem uma coleção que retrata a dor e desesperança nos presídios femininos no período da Ditadura paraguaia. Devida a perseguição que a artista sofreu, apenas uma pintura recebeu a assinatura e a data.

Sua poesia de libertação no Paraguai é estudada em escolas e é corpus de estudo em Universidades da Alemanha, Suécia, Espanha, Portugal, Uruguai, Venezuela, Peru, Argentina e Estados Unidos.

Carmen Soler representa, pela primeira vez na poesia paraguaia, a irrupção das mulheres como poeta de combate. Em seus poemas curtos, mas intensos, quase todos no ritmo do romance, o sotaque popular é combinado com uma intuição poética rigorosa, talvez sob a

influência do cubano Nicolás Guillén¹⁰, com quem se inspirou ideologicamente, mantendo sua obra relacionada, formal e politicamente. Ao definir sua luta política mesclada com a arte literária citamos três linhas de Soler:

“A nossa arte, forçosamente tem que ser a arte de arame farpado e espetada. Se for para o nosso próprio alívio ou entretenimento, não a tiramos para a rua, pois ao sair, nós temos que fazer o que nossa gente necessita e espera, ainda que não saiba”. Com esse trecho, vemos o legado de uma carta de Carmen Soler à amiga artista plástica Olga Blinder¹¹, em 1958.

Tal declaração entre duas mulheres, na metade do século XX, nos coloca o chão que a mulher que se dedicava à escrita da literatura feminina e denuncia as duas omissões da humanidade: a de não reconhecer e a de não dar espaço às mulheres que, por séculos, passaram despercebidas como agentes da História, sendo analisadas sob o olhar da inferioridade e, por vezes, exclusivamente relacionadas à sexualidade. Por esse motivo, muitas autoras recorriam ao anonimato ou aos pseudônimos masculinos. Para serem vistas, ouvidas e lidas, elas tiveram de se esconder, até não quererem mais permanecer sob o véu do anonimato nem escrever à surdina a sua própria história.

VINTE E POUCOS ANOS E “UM QUÊ” DE POETISA

As obras de Carmen Soler, em sua única publicação em vida, *Poemas* (1970), são muito pouco conhecidas no Brasil, bem como a autora. Conforme sua biografia contada por Miguel Ángel Fernández (2016), a poetisa nasceu em Assunção, no dia 4 de agosto de 1924, e faleceu em Buenos Aires, em 19 de novembro de 1985. Foi professora rural bilíngue, escritora/poetisa, tradutora, pintora, jornalista e heroína em sua luta revolucionária, sendo várias vezes presa e exilada por lutar contra a *Ditadura de Stroessner*¹², sobre as quais testemunhou e registrou com sua obra.

A jovem professora, de vinte e poucos anos, do vilarejo de Chaco Paraguai, entra na lista que está cheia de escritores precoces dentro da Literatura; a utopia literária não foi percalço para a mocinha estudada nesta pesquisa - ela não adiou o projeto de escrever. Esperar pela tal

10 Nicolás Guillén (1902 – 1989), escritor cubano, defensor das tradições africanas, representa ao máximo a chamada “poesia negra” centro-americana, é uma das principais figuras a exaltar e valorizar a situação social contra o racismo.

11 Olga Blinder (1921 – 2008), paraguaia, pintora, gravurista e escultora.

12 Entre 1936 e 1954 o Paraguai enfrentou golpes das Forças Armadas dos partidos (Liberal, Colorado e Febrerista). Cenário político de golpes, violentas perseguições, e fortalecimento do partido Colorado e das Forças Armadas, o terror político, até a ascensão do General Stroessner do Colorado, candidato único.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Wilma Nunes Rangel

“maturidade” poderia ser apenas uma forma de desacreditar na inspiração artística do que produzia. Uma breve olhada na história da literatura confirma Flávio Moura (2001):

Estantes inteiras de obras foram criadas por autores em seus “vinte e poucos anos”. Ou até menos. O exemplo emblemático é o do francês Rimbaud. Seus textos mentais definiram novos rumos na poesia moderna, saíram de sua pena entre os 15 e os 21 anos. A partir dessa idade, ele achou que já não tinha mais nada a dizer, largou os livros e foi vender armas na África. Já o prodígio J W Goethe tinha 24 anos quando escreveu Os sofrimentos do jovem Werther. O livro impressionou a juventude europeia com uma onda de suicídios no continente. Castro Alves, escreveu O Navio Negreiro aos 22 anos. É um marco do Romantismo brasileiro e o mais célebre poema sobre a abolição. Outro caso doce é o do brasileiro Álvares de Azevedo. Ele não teve a chance de abandonar a literatura: morreu aos 21 anos. Antes, porém, escreveu algumas centenas de páginas de poesia e prosa que estão entre as mais importantes do romantismo nacional e está em todas as referências de estudos de acesso no meio acadêmico e adorado pelos leitores do país.¹³

A escritora Carmen Soler entra nessa lista com apenas 23 anos; pela questão social e política, perdeu-se a íntegra, porém há publicações em revistas na Argentina em 1947; Com seu Olhar Sol-Ler¹⁴ a garota tinha veia política e obstinação pela arte literária.

Escrevo em qualquer lugar, a qualquer hora, embora prefiro o silêncio da noite. Mas posso escrever na rua, num bar, numa masmorra, usando os azulejos como papel e grãos de cal das paredes como lápis. Ou na cozinha, deixando a comida por um momento enquanto anoto uma ideia (comida queimada, muitas vezes!) mas quando eu posso escolher - luxo que tive poucas vezes - prefiro um quarto fechado, com muitas prateleiras, livros, quadros, quantidade de mesas onde desdobrar as minhas coisas e ter tudo à mão. Assim concentro-me mais facilmente e também me sinto protegida não sei bem do que.¹⁵ (Carmen Soler – Portal Guarani).

Fase em que os sonhos estão em construção e já há muralhas diante da realidade, o que aproxima, neste achado literário latino-americano, é a conversa interior com o leitor. É essa coragem decisiva, sua posição política revolucionária, que a fez escrever para dizer a que veio ao mundo e o que se pode exigir e querer para seu povo: dignidade e liberdade são temas que estão em seus poemas, e possibilitam ao leitor conhecer a dor dos nossos *hermanos* e vizinhos.

¹³ Fragmento do artigo “O olhar para o papel de Maria”, apresentado em Comunicação do 19º JELL, Jornada de Estudos Linguísticos e Literários, 2018 em Marechal Cândido Rondon, autoria Wilma Nunes Rangel e Acir Dias da Silva.

¹⁴ Metáfora para o sobrenome Soler e a desconstrução SOL e LER.

¹⁵ Tradução livre nossa.

A COTOVIA FERIDA POR FALTA DE LIBERDADE

Em 1947, após seis meses de guerra civil, o movimento de oposição é derrotado. Carmen e família se refugiam na Argentina, além de milhares de compatriotas. Na solidão da Patagônia, começa a escrever e seus versos são publicados em revistas argentinas e alemãs; também colaborou com artigos jornalísticos e palestras sobre a situação política do país. Retornou ao Paraguai em 1954, mas sua poesia foi considerada subversiva pela ditadura de Stroessner e sofreu sua primeira prisão em 1955.

Ao recuperar sua liberdade, juntou-se ao Partido Comunista do Paraguai. Desde então, aconteceram: o exílio, sua repetida clandestina, retorno, prisão, tortura e finalmente um exílio prolongado. Na Argentina, com uma filha, se divorcia de Apontes; na militância, conhece Carlos Casabianca, casou-se, exilaram no Uruguai, Argentina, Chile e Suécia.

Soler representa, pela primeira vez na literatura paraguaia, a irrupção das mulheres como poeta de combate e sua melhor expressão. Sua morte ocorreu no exílio, em Buenos Aires, em 19 de novembro de 1985, sem chegar a ver o fim da ditadura de Stroessner.

Postumamente, com o retorno da democracia ao seu país, a escritora foi reconhecida, reeditaram e publicaram seus livros, colocando seu nome no lugar que corresponde a Arte e heroísmo. A mulher há muito é um borrão nos papéis e sofre pressões, seja no papel de escritora, literata, o que não é o caso de Soler, que teve como desafio revelar fatos sociais em seu país, desentranhando o olhar que memoriza e registra, como no poema em que cita o tema fronteiriço.

Frontera¹⁶

Contrabando y miseria.
Rancho, prostitutas,
sudor y polvareda.
Niños de ojos tristes
y vientres abultados.
Calvario de paseras.
Frontera.

Hambre,
negociados.
Raquíticos soldados
y gordos generales.

(Carmen Soler).

¹⁶ Tradução livre nossa: Fronteira – Contrabando e miséria/ fazendas e prostitutas/ suor e tiroeio/ meninos de olhos tristes/ e ventres inchados. Calvário de passagem/ Fronteira.//Fome/ negociatas, magros soldados/ e gordos generais. Carmen Soler

As divisas dos países Brasil e Paraguai fazem parte da experiência do eu lírico em um espaço no qual ocorrem as ações da Fronteira; são versos com antíteses aos personagens que dominam e os dominados.

Com sua única publicação em vida, *Poemas* (1970), o sistema cultural dominante não tinha bons olhos para os temas que envolviam pessoas, suor, rebelião, desejos de justiça e liberdade. A autora nos coloca na presença de uma experiência criativa inegável, no seu melhor, alcança a plenitude expressiva. Com todas as situações por sua atuação política, não desistiu de seus ideais, com seu crescimento na arte literária e intenso amor pelo Paraguai.

Vale ressaltar que necessitou de mais de três décadas para que Soler e sua obra fossem vistas por sua terra materna. Tal feito se fez pela memória mantida por seus familiares amigos, escritores e seu povo, o mesmo que a conheceu e manteve vivo seu pulsar de rimas e versos.

A escrita, no entanto, pode colaborar na superação entre a vida e a distância com o poder que oprime. A arte possui o poder de rasgar o banal ou, no que se refere à literatura, dando palavras e construindo um mundo paralelo de tal modo apaixonante que, ao acordarmos em nós o que costuma ser julgado lentamente (por nossa pequenez de raciocínio), nos afastamos do normalismo do dia a dia e damos significação inabitual ao contexto real.

Nesse panorama histórico-crítico, a garota Carmen Soler publica em folhetins seus primeiros poemas narrativos, dando outra característica à narrativa paraguaia, com o olhar voltado para caminhos diferentes. Primeiro por ser mulher, segundo por lutar pelos direitos de seu povo sofrido e terceiro por ser revolucionária, custando muito caro seus versos aos políticos da época, pois mesmo exilada a poetisa mantinha o foco próximo da psicologia traumática vivida pelo povo e pela própria literata.

Benjamin (1994) desenvolveu a teoria da narração (*Erzählung*), na qual encontra lugar, por um lado, a experiência (*Erfahrung*) e, por outro, a memória (*Erinnerung*), que articula num mesmo plano as condições individuais e coletivas de transmissibilidade. A relação entre esses conceitos, entre outras coisas, pelo fato de ser histórica, não é unilateral.

A arte, na escrita soleriana, desenvolve a teoria da narrativa de Benjamin, por meio da experiência que a população paraguaia passou com a ditadura; tal experiência, de autotestemunho vinculada à memória da escritora ao produzir literatura, deixa fortemente a memória individual e coletiva por meio de sua lírica. A denúncia da política social da ditadura sangrenta que testemunhou é forte característica, com tal sutileza e destreza em suas obras.

Bandos¹⁷

Se prohíbe,
al hambre comer
a la boca hablar
al oído oír
a la sed beber
al fuego calentar
al miedo correr
al frío tiritar

a la alegría reír
al amor querer
al poeta cantar
al herido gemir
a la primavera florecer
a la pólvora explotar

Después
los fusilaron por no cumplir.

(Carmen Soler).

Os títulos utilizados na lírica soleriana são todos propositais, no caso, *Bandos*, já sugere politicamente todo o seu contexto. Como que colocasse um painel do contexto social do povo paraguaio e o mais triste período de sua história. Ações proibidas e que são direitos de qualquer cidadão, desde o comer, ao manifestar-se, o eu lírico denuncia tal contexto.

Como sugere Bourdieu (1997, p.11), ver é mais que olhar e reparar é mais que ver, “não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente. É necessário também confrontá-los”.

O olhar ao se unir à Literatura produz em forma de palavras a vida, que, muitas vezes, temos a impressão que vemos – tanto o belo e o alegre como o feio e o triste – porém, não colocamos tais visões no papel, aparenta um confuso grupo de fatos ausentes, pelo simples fato de que já passou. Se pensarmos tudo o que o olhar captou durante o dia, o que realizamos, sabemos que a reprodução fiel das nossas atitudes é impossível. Algo nos escapa, quem sabe um detalhe importante. Esta é a diferença entre o olhar comum e o olhar de quem produz a arte da escrita. Capaz de revisar mentalmente, faz-nos ansiar por voltar e mudar o fim.

A escrita nos permite o onírico. Mas, se, ser utópico no romance já é difícil imagine na

¹⁷ Tradução livre nossa: *Bandos* - Se proíbe, / a fome comer /a boca falar/ ao ouvido ouvir/ à sede beber/ ao fogo aquecer/ ao medo correr/ ao frio arripiar/ à alegria rir/ o amor querer/ o poeta cantar/ o ferido gemer/ à primavera florescer/ à pólvora explodir.// Depois/ Os fuzilaram. Por não cumprir.- Carmen Soler.

luta armada, não contra a métrica ou a rima, nem contra o tempo, mas sim contra a realidade. Carmen Soler tem como atração, que nos fez definir estudá-la, esta característica.

A arte literária tem uma parcela ao transcrever acontecimentos históricos em contribuir com o verídico, na contemporaneidade, quase inexistente, como se existir não fosse mais um olhar para o horizonte bater asas e voar, em que conseguimos simplesmente tocar de leve o viver – e tem que ser registrado, se houver solidão, a *selfie* está permitida. Marilena Chauí (1998, p. 70), quando diz que o “olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si”, afirma que a visão não é aquilo que se presencia no primeiro golpe de vista, mas busca ver o interior do próprio visível.

Alguien canta ¹⁸

A Obdulio Barthe ¹⁹

Bajo los cielos ásperos
sobre la tierra violenta
alguien canta.

Allí donde jamás avisa el día
ni existe un atisbo de los ruseñores,
alguien canta.

Allí donde el silencio
se rompe solo a gritos
y las palabras de amor
se dicen en secreto,
alguien canta.

Allí donde los hombres están desnudos
y amarrados a los cepos,
alguien canta.

Frente al pelotón de los fusilamientos,
alguien canta.

¡Escucha!
¡Levántate!

¹⁸ Tradução livre nossa: Sob os céus ásperos/ acima da terra violenta,/ alguém canta.// Onde quer que o dia/ nunca avise,/ nem há um vislumbre dos rouxinóis,/ alguém canta.// Lá onde o silêncio/ é quebrado apenas por gritos/ e as palavras de amor/ são ditas em segredo,/ alguém canta.// Onde os homens estão nus/ e amarrados às ações,/ alguém canta.// Na frente do pelotão de fuzilamento,/ alguém canta.// Ouça!/ Levante-se!//

¹⁹ Obdulio Barthe autor da obra *Memorias inéditas*, sobre a memória histórica do Paraguai. Lutou pela justiça social entre 1920 e 1980. Sua memória autobiográfica, escrita antes de sua morte no exílio, 1981. Seu famoso discurso descreve situações pré e pós-guerra de Chaco, a revolução de 47, a prisão e exílio e o curso da história. Apoio da fundação do Partido Comunista em Encarnação, Paraguai. Fonte: Portal Guarani, Disponível em: www.portalguarani.com.pr. Acesso em: 12 de ago 2017.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

(Carmen Soler).

As três prisões que Carmen Soler enfrentou, o olhar que amanhecia e não repousava no calabouço e na solidão do aprisionamento e da violência que sofreu, tiveram amparo nos versos. No entanto, neste, a cultura e alegria do eu lírico está refletida na esperança em forma de música. Não é o pássaro – alegoria usada em seus poemas – que canta, e sim alguém canta. No mais profundo, violento, longe dos rouxinóis dos segredos de amor, das acusações e até mesmo do fuzilamento, o eu lírico busca os sentidos para sobreviver ao destino que está inserido, olhar, ouvir, degustar e engole a seco passo a passo esse alguém que canta.

Para o estudioso do tema olhar, Acir Dias da Silva (2007, p. 96):

Enxergar implica discutir os termos desse olhar, observar com ele o mundo, mas colocá-lo também em foco. Enxergar mais é estar atento ao visível e também ao que está fora do campo, tornando-o também visível.

Ao descortinarmos a biografia de Soler e sua herança em forma de versos espalhados pelos países em que viveu, os amigos que teve e sua família, nos aproximamos do que chamaríamos de “pérola de mulher”, nos remetendo à triste experiência da traumática tortura, ressignificando essa memória com o que há de mais verídico e delicado, a poesia. Há insistentemente o convite a vislumbrar seu olhar, sobreolhares, múltiplos olhares sobre a visão paraguaia original, em forma de versos indignados. Ao encararmos seu “eu desdobrado”, ainda o sentimos respirar mesmo distante entre o tempo da tortura e o poema.

A autobiografia, a escrita sobre si mesmo, é uma modalidade literária complexa e em grande parte contraditória, porque permite ao leitor viver, com intensidade especial, a ilusão de entrar em uma experiência real; mas a voz que fala - a pessoa que vivia os eventos narrados é sempre a de um "eu desdobrado, cujo eixo principal é a memória, porque se desenvolve na distância entre o vivido e o evocado (YVANCOS, 2005, p. 233).

Incomum, Soler é encontrada na história literária ou textos literários por vários motivos. Em primeiro lugar, pelo fato de ter lutado toda a sua vida contra uma das ditaduras mais longas e mais cruéis da América, a de *Stroessner* (1954-1989). Sendo de posições ideológicas revolucionárias claras, ela sofreu, portanto, prisão, tortura e exílio. Naturalmente, a difusão de suas criações poéticas, fortemente ligadas à sua experiência de vida e à sua militância, foram bloqueadas pelo aparato repressivo do ditador (FERNÁNDEZ, 2016).

Localizada na linha social e popular inaugurada por Julio Correa, Carmen Soler representa pela primeira vez na poesia paraguaia a irrupção das mulheres como poeta de combate. Em seus poemas curtos, mas intensos, quase todos no ritmo do romance, o sotaque popular é combinado com uma rigorosa intuição poética²⁰ (BASTOS, Augusto Roa).

Apesar disso, deixou publicações na Argentina, Chile, Uruguai, Alemanha e Suécia, em periódicos, revistas e jornais. Sua voz ecoou em palestras literárias, rádios, programas televisivos e aulas que ministrou na Suécia, sobre a Literatura na América do Sul. Seus familiares resgataram aos poucos o valor de sua arte no decorrer do tempo.

[...] tal ocasião muito propícia para um exame a fundo da realidade nacional precisamente, porque a gravidade do conflito obrigava a uma tomada de consciência enérgica, capaz de transcender as inibições geradas por uma prolongada pressão coletiva sobre a escritora [...] (RODRIGUEZ-ALCALÁ; CARUGATI, 2000, p. 208).

Assim, há a necessidade intelectual em reconhecê-la como ícone de referência literária, por sua luta social e revolucionária, em busca da dignidade humana de sua gente. “Ao entrelaçar drama e experiência visual, há uma legitimação da cena em exibição, daquilo que pode criar a ponte entre os olhos e o coração”. (RODRIGUEZ, 2000, p. 209).

A violência obedecida pode ser conceituada por: “estrutura constante do fenômeno humano [...] que não deixa de representar certo papel na vida da sociedade [...] que pode ser o modo de fazer contemporâneo isso que podemos chamar de desordem fecunda” (MAFFESOLI, 2001, p. 80), como: a representação do conflito entre o executor e a vítima.

“Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra” (MAFFESOLI, 2001, p. 80). No poema “Penas encimadas”, a escritora se dirige ao interlocutor social, as dores são muitas sem espaço de tempo ou lugar e constantes. Além de toda a pressão social da ditadura, ela confessa sobre a dificuldade em ser mulher e mãe. Viscerais e traumáticos, os versos se tornaram hino feminino de luta.

Penas encimadas

Voy a decirlo de entrada
para el que quiera entender:
son penas muy encimadas
el ser pobre y ser mujer.

Trabaja toda la vida

²⁰ Augusto Roa Bastos, Revista Universidade (UNL), Santa Fé, Argentina, 1960.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

apenas para comer.
Tiene las penas del pobre
y más las de ser mujer:

La rica tiene derechos,
la pobre tiene deber.
Ya es mucho sufrir por pobre
y encima por ser mujer.

Está tan desamparada
y es madre y padre a la vez.
Derechos, ni el de la queja,
por ser pobre y ser mujer:

Se hacen muchos discursos
sobre su heroísmo de ayer.
En el papel la respetan.
Pero sólo en el papel.

Y lo repito de nuevo
para el que quiera entender:
Son penas muy encimadas
el ser pobre
y ser mujer.²¹

(Carmen Soler).

Ao retratar a realidade da mulher, o eu lírico faz um duelo entre a sociedade dominante por meio da figura feminina rica e da figura feminina pobre. Diante dessa dor, não a dor simples, mas a dor da fome, do abandono, do desamor, da injustiça no mais profundo dela, quando se vai pedi-la ao que a representa ao menos no papel. Os versos trazem desde a introdução a certeza de que é deprimente ser pobre, passar pelas misérias da sobrevivência indigna que o ser humano possa passar, no entanto, o mais pobre, o mais triste, o mais chocante, quando o eu lírico afirma em todas as conclusões em que o duelo passa, é o que é mais triste e dolorosamente sofrível: *É ser mulher*.

Para a psicologia, a experiência do trauma e sua expressão por meio da arte pode ser considerada como “a voz interior é a voz de uma vida mais plena e de uma consciência mais

²¹ O poema foi musicalizado por [Carlos Noguera](#). Fonte: Civiles Del Paraguay – Tradução livre nossa do original: Vou lhe dizer na entrada/ Para quem quer entender/ São dores em cima de dores/ Ser pobre é ser mulher// Trabalha toda a vida/ apenas para comer./ Tem as dores por ser pobre/ e mais as por ser mulher: //A rica tem direitos,/ pobre tem dever./ Já é muito sofrer por ser pobre/ E ainda por cima por ser mulher.// Está tão desamparada/ É mãe e pai ao mesmo tempo. /Direitos, nem o de reclamar,/ Por ser pobre e ser mulher:// Muitos discursos são feitos/ Sobre o seu heroísmo de ontem./ Em papel, eles a respeitam./ Mas, apenas no papel.// E repito novamente/ Para quem quer entender:/ São dores em cima de dores muito pesadas/ Ser pobre e ser mulher. (Carmen Soler).

ampla e abrangente” (JUNG, 2002, p. 196).

Apesar da inspiração, partida da indignação com a desigualdade social, com a exploração pela sociedade dominante, com as mulheres camponesas submissas e oprimidas, na maioria das vezes, abandonadas pelo período pós-guerra, sua escrita em forma de poesia e todo o processo político e ditador a fez resignar-se. Ao adentrarmos na vida de Soler, percebemos que suas rimas estão em primeira pessoa; mesmo sendo curtos os versos, há a experiência autobiográfica que mudou a sua vida.

Ao tentar defender seu país, seus poemas poderiam evitar que sua gente e os sonhos que estavam nas lições jamais desaparecessem como aconteceu com seu irmão Miguel Angel Soler, por lutar por justiça na ditadura militar. Há milhares de latino-americanos desaparecidos, Miguel não foi o único. Existem famílias na mesma situação: filhos que não sabem se são órfãos, mulheres que não sabem se são viúvas e irmãs que desconhecem o paradeiro do irmão. Soler representa essa relação que a ditadura disseminou nos países da América Latina.

Soler é retratada nos poemas do calabouço e da experiência em ser torturada. Sua busca residia em unir os elementos da natureza, aos pássaros como quem anseia por liberdade, como *Alondra* (pássaro típico da região, seu canto descompassado, miúdo) que é citado em seus poemas, como uma metáfora durante a greve de fome e a tentativa de suicídio em troca da liberdade de seus companheiros presos junto com ela. A autoficção, assim como a lírica moderna, desprende-se do sujeito, (des)personifica-a, mas, contraditoriamente, trata do próprio sujeito, do sofrimento, do trauma, das experiências vividas, que agora precisam ser narradas e compartilhadas, “confessadas”. Por assim dizer, precisam se tornar matéria do próprio fazer literário ou artístico, a fim de reunir o conscientemente vivido e apreendido com aquilo que está fora do nosso alcance, aquilo que não controlamos – o “resto”, o esquecido, que vem à tona com a linguagem, transformando-se em objeto palpável mediante as palavras.

Do particular ao universal, como bem observa Theodor Adorno, na palestra “Lírica e Sociedade” (1983). Numa rede de interligações, a subjetividade do autor é objetivada por meio das palavras, o autor/poeta fala sobre o que lhe é particular, aquilo que acontece somente com ele (dor, amor, traumas, experiências e sentimentos diversos), para que assim aconteça uma nova subjetivação através do leitor que não lê (ou desfruta da obra de arte) passivamente.

Dessa forma, o leitor atua como coautor, não só preenchendo lacunas em branco do texto, mas recriando-o, transformando aquele texto em algo seu.

Más palabras mías²²

Perdonadme,
amigos literatos,
mis queridos amigos
académicos, perdonadme.
No seguí la “carrera” de poeta.
Crecí nomás con esta
vocación de recoger *calandrias*,²³

pero nunca supe amaestrarlas.
Son incultas,
no hacen reverencias.
Son salvajes,
no pulen sus violines.
Son sencillas,
no se adornan con plumas alquiladas.

Por eso, perdonadlas,
su canto ineducado
es vivo e imperfecto.
¿Qué voy a hacer?
Si recojo palabras de agonía
no me fijo si suenan musicales,
y si encuentro esperanzas,
las reparto,
por más que no posean
las medidas exactas.
Entonces, ¡dejadme así!
Dejadme allí, en las calles,
con ellos, los sencillos.
Que Juan, María y Pedro
repitan mis canciones,
las lleven al mercado,
las metan en las fábricas,

²² Tradução livre nossa: Mais palavras minhas - Perdoem-me / amigos literários,/ meus queridos amigos/ acadêmicos, perdoe-me/ Eu não segui a "carreira" de poeta./ Eu cresci somente com esta/ vocação para recolher calandrias,/ mas eu nunca soube como / amansá-las./ São incultas, / Não fazem reverências. / São selvagens, / não lustram seus violinos/ São simples/ eles não se enfeitam com plumas alugadas.//Por isso, perdoe-as/ seu canto simples/ Está vivo e imperfeito./ O que vou fazer?// Se recolho palavras de agonia/ Não me fixo se soam musicais/ E se encontro a esperança // as reparto,/ por mais que não possuam/ as medidas exatas,/Então,/ Deixa-me assim!/ Deixa-me ali, nas ruas,/ com eles, os simples. / Que Juan, Maria e Pedro/ repitam minhas canções,/ as levem ao mercado,/ as coloquem nas fábricas/ as mandem à obra./ Deixa que as repitam/ agora e durante quanto/ lhes sejam necessárias / Depois amanhã pela manhã/ Ali falam o esquecido/ E está bem assim.//Por isso, perdoa-me/ Perdoa-me/ Que no meio do combate,/ Que no meio das prisões/ que no meio das feras que torturam/ que no meio da noite e sua espionagem/ que no meio das vítimas e do medo/ que em meio a pólvora e fogo,/ que em meio a fome e aos lamentos,/ e em meio a este mundo deslocado,/ as vezes perco o ritmo e não conto (narro)/ com os dedos/ cada verso!/ Não tenho esse remédio./ Não sei medir o sangue!/ Não sei contar as lágrimas!/ Não sei rimar o pranto!

²³ Calandra (kálandra) Pássaro parecido com a cotovia, de canto harmonioso (Melanocorypha Calandra). Tem o corpo rechonchudo e o bico robusto.

las manden al obraje.
Dejad que las repitan
ahora y mientras tanto
les sean necesarias.
Después, mañana, pronto,
las habrán olvidado.
Y está bien así.

Por eso, perdonadme.
Perdonadme
que en medio del combate,
que en medio de las cárceles,
que en medio de las bestias que torturan,
que en medio de la noche y su acechanza,
que en medio de las víctimas y el miedo,
que en medio de la mugre y la vergüenza,
que en medio de la pólvora y el fuego,
que en medio del hambre y los lamentos,
en medio de este mundo dislocado,
a veces pierda el ritmo y no cuente
con los dedos cada verso!
No tiene eso remedio.
¡No sé medir la sangre!
¡No sé contar las lágrimas!
¡No sé rimar el llanto!

(SOLER, 2014, p. 33).

Consequentemente, as experiências de Carmen Soler, bem como as obras que produziu em forma de emergência e documentário memorial, em que nos oferece em meio a dor, sua mais nobre sensibilidade, junto ao misto de revolta. Se a ditadura a prendeu, a arte a colocou nas mãos a própria história e, quando ganhou a liberdade por meio do exílio, ela permaneceu sem seu país, mas ficou como personagem literária do que viveu em sua terra natal.

Em “Palavras minhas”, o eu lírico, inicia com uma atitude nobre e humilde: o pedir perdão, o interlocutor é a crítica literária aos seus poemas que fogem às formas tradicionais. O monólogo do eu lírico usa a metáfora em forma de personagem que recolhe pássaros, no caso a Calandria, pássaros com belíssimo canto, porém, incultos. Tal analogia, não a faz desistir, o que vê, vive, sente o eu lírico canta em forma de versos. Sua crítica tem pulsar, sangue, músculos, dores, frio e fome, muita fome. Se o canto não os agrada, o eu lírico se revela e pede pelo abandono. Para deixá-lo, ali, nas ruas com Juan, Maria e Pedro, assim ela deixa seguir o tradicionalismo e escolhe o povo. Para Beatriz Sarlo (2007, p.31), “Isso quer dizer que esse eu textual põe em cena um eu ausente, e cobre seu rosto com essa máscara”. Assim, a figura do autor cede lugar à criação da imagem do escritor e do intelectual. SARLO (2007) está atenta a

essas modificações e questiona a contradição entre a firmeza do discurso e a mobilidade do vivido no relato da experiência. A referida autora observa que a narração inscreve a experiência no tempo da lembrança:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (SARLO, 2007, p. 24-25).

Alguns poemas vagam pelo imaginário, deixando o leitor de mãos atadas, na tentativa de socorrer o eu lírico do plano fictício e artístico como - “esperança por libertação”.

El silencio²⁴

Doblando el codo del rio
hay una cruz de romero
tejida con ramas finas
cortadas en Año Nuevo.

Caminante que caminas
por los caminos secretos
al pasar por esa cruz
saluda con el sombrero:

reza si sabes rezar
o quédate allí un momento
y verás cuánto se aprende
montando guardia al silencio.

(Carmen Soler).

São poemas que fizeram parte da história cronológica, geográfica e social de sua autora. Neste sentido, autobiografia e poesia, realidade e ficção, *Mamacha* e *Alondra*, revolucionária e poetisa, criam uma dupla assimilação por parte do leitor; o poema “O silêncio” é o encontro do caminhante consigo mesmo, com elementos fortes e reflexivos, como a cruz de romeiro no meio do caminho, os ramos cortados em data especial, ano novo (cheio de esperanças e fé), o

²⁴ Tradução livre nossa: O silêncio - Dobrando o cotovelo do rio/ Há uma cruz de alecrim./ Tecida com ramos finos/ Cortadas no ano novo. //Caminhante que andas/ Pelos caminhos secretos/Ao passar por essa cruz/Acena com seu chapéu: // Reza se sabes rezar/ Ou fica ali um momento./ E verás o quanto se aprende, /Montando guarda ao silêncio. (Carmen Soler).

eu lírico pede ao caminhante para analisar os caminhos secretos. O eu lírico sabe que temos pouco tempo para o silêncio, a pausa, o olhar nosso caminhar e pede ao leitor que fique ali um momento montando guarda ao silêncio. Tais pedidos refletem o íntimo presente na lírica de Carmen, tão atual no pós-contemporâneo. Estamos tão atentos aos barulhos que nos perdemos no caminho. Os versos misturam o mítico da fé e a ficção autobiográfica. Conforme ressalta Gasparini (2004, p.73), “ora ficcional, ora autobiográfica”.

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (SARLO, 2007, p. 24-25).

Nesse aspecto, Cervera²⁵ (2017), um dos melhores poetas paraguaios, observa que toda poesia deveria servir como essa voz que ecoa e permanece tão característica na obra soleriana, com tamanha importância, especialmente, para as mulheres paraguaias.

Seus poemas, os quais expressam com uma sobriedade intensa uma militância política, uma preocupação constante e uma luta pela libertação de seu povo. O exílio, a prisão e, logicamente, o silêncio com o qual no seu próprio país tentam evitar o seu trabalho, subscrevem essa atitude (Rubén YACOVSKY, 2017, Portal Guarani – contracapa da obra *Poemas - 1970*).

Os temas encontrados nos poemas vão além dessas características, são profundamente ligados ao respeito e à valorização da mulher e a sua imensa paixão pelo ser humano.

Sua poesia é simples, musical, rebelde, tem força e ternura ao mesmo tempo. Carmen Soler é uma lutadora e sensível, expressa em seus poemas de amor com o mesmo fervor com o qual canta para o povo, com a mesma paixão com que ela defende seus ideais. "Paraguai, o coração verde te chama / quem sabe que você aumenta. / Verde para suas esperanças e coração porque você sofre (SOLER apud NOGUERA, 2017, Portal Guarani).

A poesia soleriana é de combate, de transcendência ética, com conteúdo ideológico e perspectiva histórica que se torna a essência prática de sua poesia, compondo a sua dimensão estética. A linguagem direta e combativa em seu contexto é uma linguagem rebelde que reage

²⁵ No contexto literário dos anos 40, um grupo de poetas forma o "Vy'a raity", o poeta mais importantes nesse movimento é Herib Campos Cervera, amigo de Carmen Soler.

ao duplo padrão de "arte por causa da arte". Seu único livro publicado na vida foi *Poemas*, no Uruguai, em torno de 1970. Posteriormente, *La tempestade*, na Argentina (1986), e em Asunción *La Lark Wound* (1995) e *Poesías Reunidas* (2011). Seus poemas defendem a identidade do seu povo, pelo seu olhar defensor, declama os sofrimentos em forma de rimas, como do poema "Sangue cativo":

Sangre cautiva²⁶

Sangre india, sangre india hay en mi pueblo.
¡Arde!
En el quebracho herido de mis selvas.
¡Sufre!
En el infierno verde del minero.
¡Gime!
En la boca de quejas sofocadas.
¡Hierva!
Ha mordido las entrañas de mi tierra.
¡Sube!
Masticando lentamente sus cadenas.
¡Ruge!
Impulsando la vida que amanece.
¡Grita!
Su derecho sagrado de ser sangre.
¡Libre!
Sangre india, sangre india hay en mi pueblo.
¡Lucha!

(Carmen Soler).

Apresentar ao Brasil Carmen Sole²⁷ é como o poema "Sangue cativo", é atravessarmos a Ponte da Amizade, percebendo que a lírica não tem fronteiras se tratando do sentimento humano, é possível encontrar a produção da arte literária mesmo na dor que arde no sangue por seu povo, cultura, natureza e amor, é gritar por liberdade, gemer pelas injustiças, roer as correntes dos poderosos e ir às ruas para junto ficar com o povo. Carmen usa sua arte como combate e objeto de libertação ao denunciar o que testemunhou com sua experiência com as três prisões que sofreu em seu país. Dessa forma, nos dá a responsabilidade e a gratidão por

²⁶ Sangue cativo - Sangue de índio, sangue de índio está no meu povo./ Arde!/ Na quebrada ferida das minhas selvas./ Sofre!/ No inferno verde do mineiro./ Geme!/ Na boca de queixas sufocadas./ Ferve!/ Ele mordeu as entranhas da minha terra./ sobe!/ Mordendo suas correntes lentamente./ Rugindo!/ Conduzindo a vida que amanhece./ Grito!/ Seu direito sagrado de ser sangue./ Livre!/ Sangue índio, sangue índio está no meu povo./ Luta!

²⁷ Este estudo breve, faz parte do corpus de estudo da Dissertação de Mestrado sobre a escritora Carmen Soler, na Linha de Pesquisa Linguagem literária e interfaces sociais e Literatura Comparada da UNIOESTE sob a orientação do Professor Dr Acir Dias da Silva.

apresentar esta frágil e ao mesmo tempo gigante mulher, professora, tradutora e intelectual. Vê-la é se apaixonar, mesmo em suas minudências mais sutis ou nas complexidades conturbadas em que produziu sua obra, com o temor em não mostrá-la por completo, mas oferecemos o pleno caminho até sua existência e o tesouro contido em sua escrita. É uma aproximação perigosa e aventureira, por deixar o primeiro olhar do leitor ser conduzido por uma história da ditadura, ansiando descrever pouco de nós para que o leitor veja a beleza do olhar em forma de versos.

Assim, a obra de Carmen Soler expressa que a realização feminina no âmbito literário não impede que ela olhe também para o universo social e político. Ela consegue encarar os mais diversos campos sem perder a “arte”, engendrar o talento emocional da condição da escrita de autoria feminina, e vemos, por meio do seu olhar aguçado, inquisidor, justiceiro e belo, sua entrada na História da literatura no contexto latino-americano e hispânico.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Lírica e Sociedade*. In: ADORNO, T.; BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. Col. “Os Pensadores”. v.VI. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. (Edição da obra por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, colaboração de Adorno e Scholem). Vol.II. Frankfurt a. M.: Surkamp, 1977.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p.11-22.

CERVERA Herib Campos. **Universidade de Santa Fé**, Argentina. Disponível em: <<http://carmensoler.wix.com/inicio#!>> Acesso em: 10 jun. 2018.

CHAUÍ, Marilena. *Janelas da Alma, Espelhos do Mundo*. In: NOVAES, Aduato (Org). **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 31-74.

FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. *La Poesia de Carmen Soler*. *Guatá*, 05/08/2016. Disponível em: <www.guata.com.br/2016/08/05/la-poesia-de-carmen-soler/>. Acesso em: 26 set. 2016.

GASPARINI, Philippe. **Est-il je? Roman autobiographique et autofiction**. Paris: Seuil, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Wilma Nunes Rangel

LIMA, Letícia Consalter de. **O discurso histórico nacionalista e as relações com o Brasil:** Contradições e conciliações na “Literatura Stronista. UNILA, Foz do Iguaçu, PR, 2015, p. 54.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos:** mídia, cultura e tecnologia, v.1, n.15, p.74-82, 2001.

MOURA, Flávio. Livros: Vinte e poucos anos. **Revista Veja**, 24 jan, 2001.

NOGUERA, Carlos. Penas Encimadas. **Portal Guarani**, 2017. Disponível em:
http://www.portalguarani.com/1332_carlos_noguera/16705_penas_encimadas_musica_de_carlos_noguera.html. Acesso em: 20 set. 2017.

OMEGALFA, Biblioteca Virtual. **Caderno 70 de Poesia Social:** Colección de Poesía Crítica “Entre los poetas mío” Carmen Soler, *Omegalfa*, fev. 2014. Disponível em: www.omegalfa.es. Acesso em: 07 dez. 2017.

POZUELO YVANCOS, José María. **De la autobiografía:** teoría y estilos. Barcelona: Crítica, 2005, p. 233.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Hugo; CARUGATI Dirma Pardo. **Historia de la literatura paraguaya.** Assunção: El lector, 2000.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Acir Dias. Imagens, multiplicidade e gênero. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 3, n. 3, p. 91-98, 2007.

SOLER, Carmen. Colección Antológico de Poesia Social, v. 70. **Entre Los Poetas Míos.** Disponível em:
http://www.portalguarani.com/559_carmen_soler/14218_carmen_soler_poesias_reunidas.html. Acesso em: 20 mar. 2018.

YACOVSKY, O. Comentários. **Wix Soler**, 2017.
Disponível em: <http://carmensoler.wix.com/inicio#!comentarios>. Acesso em: 10 jun, 2018